

PERSPECTIVAS E TRAJETÓRIAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Amanda da Silva Cuim¹
Ana Claudia dos Santos Barão²
Elimeire Alves de Oliveira³
Suéllen Danúbia da Silva⁴
Ijosiel Mendes⁵
Tiago Moreno Lopes Roberto⁶

RESUMO: Este estudo analisa a natureza da literatura infantojuvenil como instrumento de formação humana e estética. A investigação aborda o percurso histórico do gênero, desde a tradição oral até a consolidação de uma identidade nacional autêntica no Brasil. Discutem-se as particularidades do texto para leitores em formação, destacando a relação dinâmica entre palavra e figura e o valor sensorial do objeto físico. A mediação de leitura é apresentada como uma prática fundamentada em quatro pilares que visam o prazer e a fruição artística. As diretrizes da BNCC reforçam a necessidade de afastar o livro de tarefas puramente gramaticais para formar o leitor fruidor. Por fim, reflete-se sobre os diálogos entre a arte literária e as tecnologias digitais como meios de ampliar o letramento crítico na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura. Infantojuvenil. Leitor.

ABSTRACT: This study analyzes the nature of children's and youth literature as a tool for human and aesthetic formation. The investigation addresses the genre's historical trajectory, from the oral tradition to the consolidation of an authentic national identity in Brazil. It discusses the specificities of texts designed for readers in formation, highlighting the dynamic relationship between word and image and the sensory value of the physical object. Reading mediation is presented as a practice founded on four pillars aimed at pleasure and artistic enjoyment. BNCC guidelines reinforce the necessity of distancing the book from purely grammatical tasks to foster readers who read for enjoyment. Finally, the study reflects on the dialogues between literary art and digital technologies as a means of expanding critical literacy in the contemporary.

Keywords: Literature. Children's and Youth Literature. Reader.

¹Docente na Faculdade Futura de Votuporanga, Docente na Prefeitura de Votuporanga. Mestre em Ensino e Processos Formativos (UNESP). Especialista em Educação Infantil e Ensino Fundamental, Coordenação Pedagógica (UFSCAR). Graduada em Pedagogia (UNIFEV).

²Docente da Faculdade Futura de Votuporanga. Graduada em Ciências Biológicas (UNIFEV). Graduada em Pedagogia (ISEED-FAVED). Especialista em Neurociência e Aprendizagem (ÚNICA). Especialista em Atendimento Educacional Especializado (IPEMIG). Mestre em Biologia Animal (UNESP)

³Docente e Coordenadora no curso de Pedagogia da Faculdade Futura. Graduada em Direito (UNIFEV), Pedagogia e Letras, Especialista em Gestão Escolar. Mestre em Ensino e Processos Formativos. Advogada.

⁴Docente no curso de Pedagogia da Faculdade Futura. Graduada em Ciências Contábeis (UNIFEV), graduada em Administração pela Faculdade Futura, Graduada em Pedagogia (UNIBF) Especialista em Administração Estratégica com ênfase em Marketing e Gestão de Recursos Humanos (UNILAGO), Especialização em Controladoria (UNIASSELVI), Mestrado em Administração (UNIMEP).

⁵Docente da Faculdade Futura de Votuporanga. Graduado em Matemática. (UNIFEV). Especialista em Matemática (UNICAMP). Especialista em Matemática no Ensino Médio (UFSCAR). Mestrado em Matemática (UNESP).

⁶Graduado em Psicologia e Pedagogia. Especialista em Saúde Mental, Mestre em Psicologia e Saúde; Doutor em Ciências da Saúde; Professor do Curso de Psicologia e Odontologia; Professor na Faculdade Futura.

INTRODUÇÃO

A literatura voltada para crianças e jovens constitui um fenômeno de linguagem que atravessa dimensões sociais e existenciais do ser humano, conforme propõe Coelho (2010). Esta área do saber transcende o entretenimento passageiro, pois atua como guardiã de conhecimentos acumulados por gerações, preservando a sabedoria contida na tradição oral e no registro escrito. No cenário da educação brasileira, o contato com o texto literário configura uma oportunidade para o amadurecimento subjetivo e para a descoberta do valor estético de diferentes gêneros. A arte da palavra funciona como uma força atuante capaz de refletir e transformar o contexto histórico, permitindo que o estudante habite tempos e espaços que expandem sua percepção sobre a coletividade. Assim, o livro se legitima como um agente de humanização que oferece a experiência do outro por meio de um diálogo vibrante entre autor e leitor.

No contexto escolar contemporâneo, observa-se a predominância do leitor funcional, indivíduo capaz de decodificar o código escrito, mas que utiliza a leitura para fins instrumentais e burocráticos do cotidiano. O desafio reside em como transpor essa barreira e promover uma formação que privilegie o amadurecimento subjetivo e o diálogo profundo entre a obra e o estudante. Conforme indicam Lajolo e Zilberman (1985), a arte literária possui uma face formativa que favorece esse crescimento interior, permitindo que o jovem habite novos tempos e espaços por meio da empatia. Sob essa ótica, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) orienta que a prática pedagógica foque na constituição do leitor fruidor, aquele que encontra satisfação na estética do texto sem o peso de cobranças gramaticais. Assim, a literatura se firma como um fenômeno de linguagem que atravessa as esferas social e existencial do ser humano, conforme propõe Coelho (2010), exigindo uma conversa vibrante entre quem escreve e quem lê.

A prática pedagógica que valoriza a autonomia estética do livro, em vez de tratá-lo como um instrumento moralizante ou gramatical, favorece a constituição de leitores apaixonados e críticos. A mediação ativa, focada no prazer da descoberta e no impacto estético, permite que a literatura cumpra sua função de humanizar e expandir os horizontes de quem lê. Esta investigação propõe analisar o percurso histórico da literatura em paralelo às transformações na visão de infância, conforme Zilberman (2003). O estudo busca identificar as variadas dimensões que a leitura abrange no crescimento cognitivo, social e emocional do estudante, promovendo a alteridade descrita por Lajolo (2002). Debater a responsabilidade da mediação sob as normas da BNCC (2018) para a conquista da fruição artística configura-se como meta central. A

fundamentação deste trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo que utiliza as reflexões de Coelho (2010) e Lajolo e Zilberman (1985). O objetivo é oferecer uma base teórica sólida para a prática docente no incentivo à leitura, transformando o ato de ler em uma experiência de autodescoberta.

2 NATUREZA E CONCEITO DA LITERATURA

A criação literária configura-se como a arte da palavra e, por ser uma força atuante, possui o vigor necessário para refletir e alterar o contexto histórico onde se origina. Conforme o pensamento de Coelho (2010), esse fenômeno de linguagem atravessa as esferas social e existencial do ser humano, exigindo uma conversa viva entre quem escreve e quem lê, sustentada pela imaginação, pela cognição e pelos afetos. A especificidade deste gênero reside no público-alvo de leitores em formação, o que demanda um trabalho artesanal com a linguagem: ela deve ser acessível ao jovem sem que ocorra a perda do rigor artístico. Zilberman (2003) adverte que essa característica é o que preserva a autonomia da arte, evitando que a obra seja reduzida a um simples recurso pedagógico, gramatical ou moralizante.

Diferente de textos de circulação cotidiana, o valor do objeto literário reside na própria vivência estética e na sua capacidade de humanizar os sujeitos, funcionando como um campo aberto para vínculos narrativos únicos. Assim, a literatura atua de forma complexa na vida do estudante, oferecendo trajetórias que ultrapassam o entretenimento passageiro. Sua dimensão lúdica garante o encanto e a fruição, transformando o livro em um objeto de desejo essencial para a superação do perfil do leitor funcional.

No campo cognitivo, o aprendizado ocorre de modo orgânico ao descortinar saberes sobre a história e as relações humanas, enquanto a face emocional permite o reconhecimento de dilemas subjetivos e angústias. Conforme Lajolo (2002), a leitura literária é insubstituível por proporcionar a experiência do outro, o que desenvolve a empatia e a ética necessárias para o convívio em uma sociedade plural. Por fim, a imersão nos textos amplia o domínio do vocabulário e a competência comunicativa do aluno de forma fluida, sem a imposição de regras gramaticais rígidas, consolidando o papel da literatura como agente de amadurecimento e autodescoberta.

2.1 Percurso histórico e social

A criação literária configura-se como a arte da palavra e, por ser uma força atuante na cultura, possui o vigor necessário para refletir e alterar o contexto histórico onde se origina. Historicamente, essa trajetória acompanhou as mudanças na própria concepção de infância, deixando de ser um eco da tradição oral para se consolidar como um gênero com identidade e autonomia próprias. Conforme observa Zilberman (2003), nas eras que antecederam a imprensa, as narrativas integravam os jovens ao repertório cultural compartilhado sem as distinções ou os filtros pedagógicos que conhecemos hoje.

A especificidade deste gênero reside no público-alvo de leitores em formação, o que demanda um trabalho minucioso com a linguagem para assegurar que o texto seja acessível sem que ocorra a perda do rigor artístico. De acordo com Lajolo e Zilberman (1985), embora a literatura para jovens tenha surgido atrelada ao sistema de ensino no século XVII — funcionando muitas vezes como um manual de sobrevivência moral e religiosa —, a conquista da sua autonomia estética permitiu que ela se desprendesse do didatismo puro. Hoje, a obra literária é vista como um campo aberto que preserva a autonomia da arte, evitando sua redução a um simples recurso pedagógico.

Um traço marcante da produção contemporânea é a simbiose entre o registro escrito e a ilustração, em que a imagem atua como parte estruturante da narrativa e não como um mero adorno decorativo. Segundo os estudos de Nikolajeva (2011), essa relação dinâmica desafia a percepção do sujeito em formação por meio da complementariedade ou do contraponto entre o visual e o textual. Essa experiência multifacetada estimula o pensamento crítico e ultrapassa a simples decodificação de palavras, transformando o livro em um objeto de exploração sensorial e intelectual.

No que diz respeito aos temas, a literatura atual demonstra que não existem assuntos proibidos, desde que a abordagem seja sensível à maturidade emocional do leitor. Questões existenciais complexas, como a finitude, a solidão e os conflitos sociais, encontram espaço nas narrativas, permitindo que o estudante lide com seus próprios dilemas por meio da ficção. Esse contato auxilia o indivíduo a reconhecer sentimentos e angústias que muitas vezes permanecem sem expressão no cotidiano, atuando como um instrumento vital para o amadurecimento emocional e o equilíbrio interno do sujeito.

Nesse contexto, a figura do mediador de leitura posiciona-se como uma ponte essencial entre a potência estética do livro e a curiosidade do estudante. O educador não deve realizar

uma entrega mecânica de conteúdos, mas atuar como um parceiro de jornada que compartilha entusiasmos e provoca perguntas. Como para muitos alunos o ambiente escolar representa o único ponto de contato real com o livro, o professor tem a responsabilidade ética de transformar a sala de aula em um espaço de descoberta e experiência viva.

Por fim, as diretrizes da BNCC (2018) reforçam que a mediação deve visar a formação de um leitor fruidor, capaz de apreciar a arte em sua totalidade. Para isso, é fundamental garantir um acervo diversificado que inclua autores clássicos, contemporâneos, afro-brasileiros e indígenas, ampliando o repertório cultural do aluno. Essa prática deve ser pautada por momentos de gratuidade, nos quais a leitura ocorra sem a pressão de tarefas burocráticas ou cobranças gramaticais rígidas, alinhando-se à Competência Geral 3, que valoriza a fruição artística como forma de humanizar o processo educativo.

Quadro 1 – Síntese da Evolução do Gênero

Período Histórico	Forma de Circulação	Visão sobre o Público	Foco da Narrativa
Pré-Imprensa	Oralidade e <i>eco das vozes</i> .	Público misto (adulto e criança).	Integração à cultura comum.
Século XVII	Registro escrito e escolar.	Ser que necessita de instrução.	Moralização e manuais de conduta.
Século XIX	Livro impresso.	Sujeito do maravilhoso.	Fantasia e contos de fadas.
Século XX em diante	Obra autônoma e artística.	Interlocutor inteligente.	Fruição estética e identidade nacional.

Fonte: Elaborado com base em Zilberman (2003) e Lajolo e Zilberman (1985).

3 PARTICULARIDADES DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A união entre a palavra e a figura constitui a simbiose marcante da produção literária voltada ao público em formação, na qual a imagem atua como parte estruturante da narrativa e não apenas como um adorno decorativo. Essa integração exige que o autor e o editor demonstrem sensibilidade técnica e realizem um trabalho minucioso com a linguagem, garantindo que o texto seja acessível sem que ocorra a perda do rigor artístico. Segundo os estudos de Nikolajeva (2011), essa relação dinâmica desafia a percepção de quem lê, exigindo um esforço de interpretação que ultrapassa a decodificação do código escrito e proporciona uma experiência multifacetada. Assim, o livro se apresenta como um objeto de exploração sensorial, no qual o material, o formato e a tipografia participam da vivência estética de forma integrada.

Historicamente, essa autonomia estética da literatura infantojuvenil foi conquistada de forma gradual. Nos tempos que antecederam a imprensa, as narrativas circulavam por meio da oralidade, integrando os jovens ao repertório cultural comum sem filtros pedagógicos ou distinção de público. A partir do século XVII, com a estruturação escolar, o livro passou a servir

como um manual de conduta moral e religiosa, distanciando-se da ideia de arte livre. Foi somente no século XIX, com a valorização do lúdico e do maravilhoso em autores como os Irmãos Grimm e Andersen, e posteriormente no século XX com a linguagem autêntica de Monteiro Lobato, que a literatura consolidou seu foco na experiência artística plena.

A interação entre os códigos verbal e visual ocorre por meio de diferentes estratégias que estimulam o pensamento crítico do estudante. Na complementaridade, texto e imagem somam informações para compor o significado da história, expandindo a compreensão narrativa. O contraponto gera tensões entre os códigos que desafiam a lógica e a percepção do leitor. Já a contradição acontece quando palavra e figura divergem, abrindo espaços de incerteza e vácuos de interpretação que convidam à investigação subjetiva e à reflexão crítica. Tais recursos permitem que a obra funcione como um campo aberto, onde a imaginação e a cognição do jovem são provocadas a todo instante.

Essa profundidade estética permite que a literatura contemporânea aborde temas complexos, demonstrando que não existem assuntos proibidos para o público jovem, desde que haja sensibilidade à sua maturidade emocional. Questões existenciais como a finitude, a solidão e os conflitos sociais encontram espaço nas histórias, permitindo que o estudante lide com seus próprios dilemas por meio da ficção. Esse contato auxilia o indivíduo a reconhecer sentimentos e angústias que muitas vezes permanecem sem expressão no cotidiano, tornando a obra um instrumento vital para o amadurecimento emocional, o autoconhecimento e o equilíbrio interno do sujeito.

Nesse processo, a figura do mediador de leitura posiciona-se como uma ponte entre a potência estética do livro e a curiosidade do estudante. Longe de realizar uma entrega mecânica de conteúdos, esse profissional deve atuar como um parceiro de jornada que compartilha entusiasmos e provoca perguntas investigativas. Considerando que o ambiente escolar representa, para muitos alunos, o único ponto de contato real com o livro, a responsabilidade social e ética do educador é elevada. Ao adotar uma postura ativa, o professor transforma a sala de aula em um espaço de descoberta onde o objeto literário se converte em experiência viva.

As diretrizes da BNCC (2018) reforçam a necessidade dessa mediação para tornar o aluno um leitor fruidor, orientando o professor a explorar a multimodalidade e questionar o que as cores e traços revelam além das palavras. O mediador deve incentivar a identificação de efeitos de sentido produzidos por recursos gráfico-visuais, conforme prevê a habilidade EF15LP04. Para isso, é enfatizada a necessidade de um acervo diversificado que inclua autores

clássicos, contemporâneos, afro-brasileiros e indígenas, visando a ampliação plena do repertório cultural. Essa prática pedagógica, alinhada à Competência Geral 3, deve garantir momentos de gratuidade, nos quais a leitura ocorra sem a pressão de tarefas burocráticas ou cobranças gramaticais, humanizando assim o processo educativo.

Quadro 2 – Categorias de Interação Texto-Imagem

Categoria	Dinâmica de Sentido	Impacto no Leitor
Complementaridade	Texto e ilustração somam dados.	Expansão da compreensão narrativa.
Contraponto	Criação de tensões entre os códigos.	Desafio à percepção e à lógica.
Contradição	Divergência entre palavra e figura.	Estímulo ao pensamento crítico e à reflexão.

Fonte: elaboração própria

A união entre a palavra e a figura constitui um traço marcante da produção literária voltada para o público em formação, onde a imagem deixa de ser um adorno decorativo para se tornar parte integrante da estrutura da narrativa. Essa simbiose exige que o autor e o editor demonstrem uma sensibilidade estética elevada e um domínio técnico apurado, garantindo que cada elemento visual contribua efetivamente para a construção de sentidos.

Para além do conteúdo, o livro em sua forma física é parte da experiência artística, funcionando como um campo de exploração sensorial. Elementos técnicos como o formato do volume, a gramatura do papel e a tipografia escolhida deixam de ser meros detalhes para participar da construção do vínculo entre o sujeito e a obra. Essa materialidade é fundamental para a imersão narrativa, permitindo que o toque e a visão caminhem em conjunto na descoberta de novos significados, o que reafirma a necessidade de um trabalho artesanal com o objeto livro.

A produção para o público infantojuvenil demanda esse rigor para evitar a ideia equivocada de que tais obras possuem menor qualidade ou simplificação excessiva. O equilíbrio entre uma linguagem acessível e o rigor artístico é o que transforma a leitura em um convite ao prazer. Conforme observa Zilberman (2003), a especificidade de escrever para leitores em formação jamais deve servir de pretexto para reduzir o livro a um recurso puramente moralizante ou pedagógico, pois sua legitimidade repousa em seu valor estético e na sua função de humanizar o indivíduo.

A interação entre os códigos verbal e visual ocorre por meio de estratégias que provocam a inteligência e a curiosidade do estudante. Na complementaridade, as informações do texto e da imagem se somam para compor o sentido total da trama, expandindo a compreensão

narrativa. O contraponto, por sua vez, gera tensões ricas que desafiam a lógica habitual de quem lê, exigindo uma percepção mais aguçada sobre as nuances da história.

Já a contradição manifesta-se quando palavra e figura parecem divergir, abrindo vácuos de interpretação que estimulam o pensamento reflexivo e autônomo do jovem. Esse diálogo constante entre as diferentes linguagens permite que a obra literária funcione como um campo aberto para múltiplas vivências, onde a imaginação e a cognição são provocadas a todo instante. Sob essa ótica, a leitura torna-se um diálogo vibrante que refina a percepção do sujeito sobre a realidade e sobre si mesmo.

As diretrizes da BNCC (2018) reforçam a necessidade de uma mediação que explore essa multimodalidade, orientando o desenvolvimento da capacidade de identificar sentidos em recursos gráfico-visuais. O educador possui a tarefa de incentivar o aluno a ler para além das palavras, questionando o que as cores e traços revelam sobre o estado emocional ou as ações dos personagens. Essa prática pedagógica busca transformar o estudante em um leitor fruidor, capaz de apreciar a arte em sua plenitude e liberdade, sem a pressão de obrigações puramente burocráticas. Ao garantir momentos de gratuidade e acesso a acervos diversos, o ensino da literatura cumpre seu compromisso social e ético de formar cidadãos sensíveis.

4. DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E TECNOLOGIA NA ERA DIGITAL

A conexão entre a arte literária e as ferramentas digitais constitui uma oportunidade pedagógica estratégica para a formação de sujeitos na contemporaneidade. Diante dessa realidade, a escola possui o desafio de dialogar com os chamados nativos digitais, desconstruindo a histórica oposição entre o papel e a tela para garantir que o suporte utilizado para a leitura funcione de forma integrada ao conhecimento de mundo. Nesse cenário, emerge o conceito de leitor de natureza híbrida, que se refere ao perfil do leitor contemporâneo capaz de transitar entre o código impresso e o virtual, do papiro ao *tablet*, com a mesma naturalidade e desenvoltura.

Essa hibridez caracteriza-se, primordialmente, pela fluidez entre suportes. Para este sujeito, a tecnologia e o livro físico não se posicionam como oponentes, mas como meios complementares para ampliar o alcance das histórias. Assim, conforme as ideias de Soares (2002), o letramento digital deve ser compreendido como um suporte que demanda o desenvolvimento de novas habilidades técnicas e cognitivas, sem anular o contato tradicional

com o livro físico, permitindo que a leitura ocorra de forma orgânica em variados contextos sociais.

Além da fluidez, essa natureza exige o domínio de novas competências e linguagens. Segundo Nikolajeva (2011), o ambiente virtual agrega camadas extras à relação entre palavra e imagem, o que demanda do estudante um refinamento da sua alfabetização visual e midiática para uma compreensão plena. Ser um leitor crítico no século XXI envolve, portanto, a capacidade de questionar e construir sentidos em variados suportes, transformando a tecnologia em uma prática social legítima que oferece uma profundidade estética que algoritmos isolados são incapazes de proporcionar.

A capacidade crítica e multimodal do leitor híbrido permite que ele utilize a tecnologia como uma ponte para o envolvimento artístico, exercendo sua autonomia através da produção de novos conteúdos, como podcasts, audiolivros ou resenhas em redes sociais. Tais estratégias de mediação favorecem o trânsito entre gêneros e linguagens, promovendo a inclusão e diversificando o acesso ao acervo literário de modo democrático. Mais do que consumir, o leitor híbrido ocupa criticamente os espaços virtuais para compartilhar indicações e construir coletivamente o sentido das obras lidas.

Outro ponto central é a integração do ser através da leitura. Embora os estímulos constantes das redes digitais possam promover a fragmentação da atenção, o leitor híbrido busca na narrativa literária um refúgio valioso. O objeto literário oferece o "tempo da gratuidade" e o contato com o novo, permitindo que a experiência artística prevaleça sobre a velocidade das telas. Dessa forma, a literatura atua como um elemento que integra o sujeito, proporcionando o equilíbrio necessário diante da rapidez do universo virtual.

Por fim, as diretrizes da BNCC (2018) reforçam que a mediação deve ensinar o aluno a ler para além das palavras, explorando a multimodalidade presente inclusive no universo digital. Essa competência permite que o jovem identifique efeitos de sentido produzidos por recursos gráfico-visuais, o que fortalece a empatia e a percepção da alteridade. O compromisso ético e social da escola consiste, portanto, em garantir que a tecnologia sirva ao propósito maior de humanizar e expandir os horizontes de quem lê, independentemente do suporte utilizado.

4.1 Os Eixos da Mediação Ativa no Ambiente Escolar

A mediação literária no contexto educativo exige do docente uma postura sensível e profundamente fundamentada em eixos que assegurem o encontro genuíno entre o aluno e o

objeto artístico. O primeiro eixo fundamental consiste no domínio do acervo, o que demanda que o educador possua um conhecimento sólido sobre os autores e a qualidade estética das ilustrações. Essa competência técnica é essencial para que a indicação literária possua vigor e verdade, permitindo que o professor atue como um curador capaz de conectar a obra certa ao leitor certo.

Além do conhecimento técnico, o mediador deve reconhecer a inexistência de uma interpretação única para o texto literário, abrindo um canal necessário para o acolhimento dos sentimentos e das inquietações dos estudantes. Conforme as reflexões de Lajolo (2002), essa abertura pedagógica favorece a experiência do outro, permitindo que o jovem leitor se sinta seguro e legitimado para expressar suas impressões subjetivas. Ao afastar o receio de uma avaliação puramente burocrática, o ambiente escolar se converte em um local de diálogo vibrante e descobertas compartilhadas.

Outro pilar decisivo na prática docente reside na performance e na expressividade durante a leitura em voz alta. Esta técnica não é apenas um recurso didático, mas uma forma de "insuflar vida" ao registro escrito por meio da variação de tons, do ritmo e da dramatização. Essa estratégia transforma o espaço da sala de aula em um evento coletivo vibrante, capturando o interesse do estudante de modo orgânico e promovendo o engajamento e a fruição estética indispensáveis para a formação do gosto literário.

10

Somada à performance, a arquitetura da liberdade assegura que o aluno exerça sua autonomia de escolha em locais convidativos e, sobretudo, em momentos de gratuidade. De acordo com a advertência de Zilberman (2003), como a escola representa muitas vezes o ponto de contato exclusivo que o jovem possui com o livro, o compromisso ético do professor torna-se inadiável. Ao garantir o direito à fantasia e à imaginação, o ensino da literatura cumpre seu objetivo maior de humanizar o sujeito e formar leitores para a vida toda.

O enfrentamento desse desafio é urgente diante da predominância do leitor funcional: aquele indivíduo que, embora possua a habilidade de decodificar o código escrito, restringe o uso da leitura a finalidades meramente instrumentais e burocráticas do cotidiano. Esse fenômeno revela uma carência de diálogo entre o sujeito e a obra. Diferente dessa abordagem pragmática, a literatura deve ser vista como um fenômeno de linguagem que atravessa as dimensões social e existencial, exigindo um vínculo vibrante entre autor e leitor que a escola tem a responsabilidade de fomentar através da organização de um acervo humanizador.

A arte da palavra atua como uma fonte de amadurecimento subjetivo que outros recursos didáticos são incapazes de substituir. Ao proporcionar o contato com a alteridade, a narrativa permite que o aluno habite novos tempos e espaços, o que favorece o desenvolvimento da empatia e da sensibilidade. Por meio da identificação com os personagens, o jovem encontra um espaço seguro para reconhecer e processar medos e angústias que dificilmente conseguiria expressar de outra forma. O distanciamento do perfil funcional ocorre, portanto, quando a prática pedagógica prioriza o prazer da descoberta, transformando o livro em um objeto de desejo.

A transição efetiva para a formação de um leitor fruidor exige que o mediador proteja o tempo da leitura, garantindo que ela ocorra sem o peso de tarefas burocráticas ou cobranças gramaticais. A incumbência do professor envolve despertar a curiosidade e apresentar a obra como arte em sua plenitude, respeitando a autonomia do texto. Para alcançar esse objetivo, a seleção de um acervo diversificado — que inclua autores clássicos, contemporâneos, afro-brasileiros e indígenas — torna-se uma atitude pedagógica de base para expandir os horizontes de quem lê e cumprir a função humanizadora da literatura.

Quadro 3 – Os Pilares da Prática Mediadora

Eixo de Atuação	Descrição da Prática	Impacto na Formação
Domínio do Acervo	Conhecimento de obras, autores e artes gráficas.	Legitimidade na indicação literária.
Acolhimento e Escuta	Valorização de múltiplas interpretações e afetos.	Amadurecimento da subjetividade.
Performance Oral	Leitura expressiva, teatralizada e vibrante.	Engajamento e fruição estética.
Arquitetura da Liberdade	Autonomia de escolha e tempos de leitura livre.	Prazer e constituição do hábito leitor.

Fonte: elaboração própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantojuvenil transcende o mero entretenimento, consolidando-se como um fenômeno de linguagem essencial para a humanização e o amadurecimento subjetivo do leitor em formação. A investigação permitiu concluir que a autonomia estética do gênero, conquistada ao longo de um percurso histórico que evoluiu da tradição oral para a complexidade das obras contemporâneas, é o que garante ao texto literário sua capacidade de ser uma força atuante na transformação social e existencial.

As principais conclusões deste trabalho podem ser sintetizadas nos seguintes pontos:

A Natureza Estética e Humanizadora: A literatura deve ser preservada em sua autonomia artística, evitando-se sua redução a manuais de conduta ou instrumentos puramente gramaticais. Seu valor reside na vivência estética e na capacidade de oferecer a "experiência do outro", desenvolvendo a empatia e a ética necessárias para a vida em sociedade.

A simbiose entre palavra e imagem constitui uma particularidade indissociável do gênero. As categorias de interação propostas por Nikolajeva — complementaridade, contraponto e contradição — demonstram que a leitura de imagens desafia a percepção e estimula o pensamento crítico, transformando o livro em um objeto de exploração sensorial e intelectual.

Para superar o perfil do leitor funcional e formar o leitor fruidor, a mediação docente deve ser pautada no domínio do acervo, na performance oral e, primordialmente, na "arquitetura da liberdade". As diretrizes da BNCC são fundamentais ao orientar práticas que valorizem a gratuidade da leitura e a exploração de sentidos multimodais, afastando o livro de obrigações burocráticas.

O surgimento do leitor de natureza híbrida exige que a escola desconstrua a oposição entre o papel e a tela. O letramento digital deve ser integrado como um suporte que amplia o alcance das histórias, garantindo que a tecnologia sirva ao propósito de humanizar e expandir os horizontes do sujeito sem anular a profundidade da experiência literária.

12

Em suma, a formação de leitores críticos e apaixonados depende de uma mediação que reconheça o livro como um agente de autodescoberta. O compromisso ético da educação consiste em transformar a sala de aula em um espaço de encontro genuíno com a arte, assegurando que o ato de ler permaneça, acima de tudo, um evento de liberdade e emancipação humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1985.

NIKOLAJEVA, Maria. **Ler imagens: do pré-leitor ao leitor crítico.** Tradução de Camila Werner. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

SOARES, Magda. Novas facetas do alfabetismo e do letramento. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003